

Construções ditransitivas em contacto: o português de São Tomé e o forro

Rita Gonçalves¹

Tjerk Hagemeijer²

RESUMO³

Neste trabalho contrastivo, analisamos o efeito do tipo de verbo e da animacidade nas estratégias exibidas em construções ditransitivas do português de São Tomé e do forro. Além disso, argumentamos que a variação exibida nesta variedade entre a construção ditransitiva preposicionada, introduzida por *a* ou *para*, e a construção de duplo objeto reflete o papel do acesso à Gramática Universal. No forro, a alternância dativa é apenas aparente, dado que a construção de duplo objeto é a estratégia dominante para a expressão de Recipientes, a construção que envolve a preposição *da* é usada sobretudo com Beneficiários e as construções de serialização verbal introduzem Alvos.

1 Introdução

O português é atualmente a língua materna e língua dominante da maior parte da população em São Tomé e Príncipe, encontrando-se numa fase avançada do processo de nativização. As propriedades gramaticais desta variedade refletem a transição histórica de L2 para L1, que se circunscreve sobretudo ao século XX, num contexto de um forte multilinguismo e contacto de línguas, em particular com as línguas crioulas autóctones, designadamente

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.

Email: ritamgg@letras.ulisboa.pt

² Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.

Email: t.hagemeijer@letras.ulisboa.pt

³ Agradecimentos: a presente investigação foi desenvolvida no âmbito do projeto *Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português* (PTDC/LLT-LIN/29552/2017), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), Portugal. Agradecemos também a Beatriz Afonso e Castrino Alcântara pela colaboração na elicitação de um conjunto de dados do forro.

o forro, o crioulo mais amplamente falado no arquipélago, mas também com as línguas dos contratados oriundos de Angola, Cabo Verde e Moçambique (e.g. Hagemeijer 2018).

Neste trabalho, propomo-nos descrever e analisar as construções ditransitivas que envolvem um argumento com o papel temático de Recipiente no português de São Tomé (PST), bem como discutir os efeitos do contacto com o forro e o papel do *input* ambíguo do português europeu (PE) na variação existente, na linha dos trabalhos desenvolvidos para o português de Moçambique (PM) (e.g. Gonçalves 1991, 2010).

No PE, o dativo argumental é introduzido pela preposição funcional *a*, homónima da preposição direcional *a*, que introduz o Alvo de verbos de movimento (e.g. Brito 2008; Gonçalves 2016). Por sua vez, o dativo não argumental, com o papel temático de Beneficiário (ou Maleficiário), é encabeçado pela preposição *a* ou *para* (e.g. Miguel, Gonçalves & Duarte 2011). Em virtude destas propriedades, que podem constituir um *input* ambíguo no quadro da aquisição do português como uma L2, e de outros fatores, como o contacto de línguas, a expressão do dativo em variedades não europeias do português apresenta propriedades (parcialmente) distintas daquelas observadas no PE.

As construções ditransitivas têm sido objeto de descrição e/ou análise em diferentes variedades do português. No PB, a construção ditransitiva preposicionada (CDP) encabeçada pela preposição *para* é apontada por autores como Torres Morais & Berlinck (2006, 2007) e Torres Morais & Lima Salles (2010), como a estratégia dominante nas regiões centro, sudeste e sul do Brasil; paralelamente, assiste-se a uma reorganização do sistema pronominal, no sentido em que formas pronominais fortes são usadas em detrimento dos clíticos. Veja-se, no entanto, que vários autores têm documentado também a existência da construção de duplo objeto (CDO) no português popular brasileiro, designadamente na Zona da Mata, em Minas Gerais (Scher 1996), no Rio de Janeiro (Gomes 1999, 2003), em comunidades afrobrasileiras na Bahia (e.g. Lucchesi 2001; Lucchesi &

Mello 2009; Baxter *et al.* 2014) e, mais recentemente, na Região Centro-Oeste do Brasil – Goiás e Minas Gerais (Pereira 2019).⁴

De acordo com os estudos desenvolvidos sobre o português do Maputo, Moçambique (Gonçalves 1991, 2010), esta variedade exibe CDOs e a possibilidade de o objeto indireto constituir o sujeito de frases passivas. O clítico *lhe* é usado para cliticizar argumentos [+HUM] tanto com o papel temático de Recipiente como de Tema. Note-se, porém, que, de acordo com dados recentes recolhidos em Maputo (no âmbito dos projetos *Variedades Africanas do Português* (VAPOR) e *Posse e localização: microvariação em variedades africanas do português* (PALMA) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)), estas não constituem estratégias dominantes na realização do argumento dativo; os Recipientes são tipicamente introduzidos por *a* e os Temas cliticizados em acusativo (Gonçalves, Duarte & Hagemeyer 2020).

Por sua vez, o uso da preposição *em* para introduzir os argumentos com o papel temático de Recipiente, Alvo e Origem no português de Angola (PA) (Luanda) tem sido apontado como uma propriedade distintiva desta variedade (e.g. Mingas 2000; Miguel 2003; Cabral 2005; Chavagne 2005). Contudo, e uma vez mais, não obstante a sua ocorrência, esta não parece constituir a estratégia dominante, pelo menos no PA urbano, sendo os Recipientes e os Alvos nos nossos dados tipicamente introduzidos por *a* e a Origem por *de* (Hagemeyer *et al.* 2019). Além disso, a ocorrência do clítico *lhe* nesta variedade está muito generalizada, ainda que se atestem também outras estratégias, nomeadamente NPs pronominais introduzidos pela preposição *para*.⁵

Por fim, o PST, o objeto de estudo deste trabalho, tende a expressar o dativo maioritariamente mediante uma CDP introduzida pela preposição

⁴ Realçamos que a CDP com *para* constitui a estratégia predominante em diversas variedades onde a CDO é atestada (e.g. Lucchesi & Mello 2009: 442; Pereira 2019: 175).

⁵ De acordo com diferentes autores (e.g. Miguel 2003, Chavagne 2005, para o português de Luanda, Figueiredo, Jorge & Oliveira 2016: 257, para o português do Libolo), o clítico *lhe* é usado tanto na cliticização de Recipientes como de Temas [+ANIM].

funcional *a*. Contudo, exhibe igualmente a CDP introduzida pela preposição *para* e a CDO (e.g. Gonçalves 2016, 2017). Estas estratégias alternativas terão na sua origem o referido *input* ambíguo do português, mas também os efeitos do contacto com o forro, no qual as duas estratégias também são exibidas, ainda que para a expressão de papéis temáticos distintos. No forro, os Recipientes ocorrem exclusivamente numa CDO, ao passo que a CDP, encabeçada pela preposição *da*, é restrita à expressão de Beneficiários (ou Alvos [–ANIM]).

Na secção 2, faremos uma breve contextualização sociolinguística de São Tomé e Príncipe, incidindo sobre o processo de hegemonia e consequente nativização de português. Na secção 3 e na secção 4, analisaremos, respetivamente, os dados do português de São Tomé e do forro, tendo por base *corpora* do CLUL. Na secção 5, teceremos algumas considerações finais, discutindo os efeitos do contacto linguístico com o forro, bem como o acesso a propriedades gerais da Gramática, na variação existente na expressão do dativo no português de São Tomé.

2 Contexto sociolinguístico de São Tomé e Príncipe

A presença do português em São Tomé e Príncipe remonta ao final do século XV, período da descoberta e da primeira colonização das ilhas. Durante aproximadamente quatro séculos, o panorama linguístico do arquipélago foi dominado pelos crioulos do Golfo da Guiné, em particular o forro (também conhecido como *santome*, *lungwa santome* ou crioulo de São Tomé). Esta situação linguística de supremacia dos crioulos alterou-se significativamente a partir das últimas décadas do século XIX, devido à abolição da escravatura e à consequente recusa da população são-tomense a trabalhar nas empresas agrícolas, numa fase em que S. Tomé se estava a transformar num dos grandes produtores mundiais de cacau. Para colmatar a falta de mão-de-obra na agricultura, o poder colonial implementou o regime de contrato, que consistia na contratação de trabalhadores provenientes de outras colónias portuguesas, o que levou a um aumento exponencial não só

da população, mas também da diversidade linguística das ilhas. Deste modo, para além do português e dos três crioulos autóctones, as línguas maternas dos contratados, de entre as quais se destacam línguas bantas, como o umbundo, e o crioulo de Cabo Verde, disseminaram-se pelo território.

Porém, apesar do multilinguismo que caracterizava as ilhas, a língua veicular nas empresas agrícolas era o português. Como refere Seibert (2014: 61), “os contratados africanos, chamados serviçais, que constituíam uma nova categoria social no arquipélago, (...) viviam nas senzalas das plantações, espacialmente separados dos ilhéus, [*i.e.* os nativos], que os excluía da sua vida social e cultural”, e, por consequência, do contacto com a sua língua. Efetivamente, do contacto entre as línguas maternas dos contratados e o português falado nas roças (especialmente Água Izé, Monte Café e Agostinho Neto), resultaram variedades do português designadas na literatura como português dos tongas, por assim serem designados os descendentes dos contratados (Rougé 1992; Baxter 2002, 2004, 2018).

Paralelamente, durante o Estado Novo houve repressão linguística, corroborada por muitos relatos de famílias que diziam proibir os filhos de falar crioulo, falando com eles em português, para que melhor se integrassem na sociedade colonial, apesar de esta não ser a sua língua materna (e.g. Mata 2010; Bouchard 2017).

Ora, após a independência, em 1975, a escolha do português como língua oficial exclusiva, associada à massificação do ensino e dos meios de comunicação e ao aumento da mobilidade social, vem acentuar o uso do português como língua dominante na sociedade são-tomense. Aquela que era considerada a língua da elite e dos domínios altos, passou a ser a língua de todos os contextos comunicativos, altos e baixos, de um grupo cada vez maior de são-tomenses. Por consequência, assiste-se à erosão e perda linguísticas dos crioulos e uma acentuada tendência para o monolingüismo em português (Hagemeijer 2018), favorecida quer pela escolarização nesta língua, quer pela ausência de uma política linguística pró-crioula sustentada

que permita inverter o estigma deixado pelo regime colonial (Hagemeijer, Gonçalves & Afonso 2018).

É neste quadro de hegemonia da língua que foi primeiramente adquirida como uma L2 que nos propomos analisar as estratégias de realização do dativo, discutindo os efeitos do contacto linguístico histórico com o forro.

3 Dativos no português de São Tomé

A análise e discussão dos dados do PST que faremos nesta secção tem por base o *corpus* de produção oral espontânea (280.000 palavras transcritas), recolhido em São Tomé (em 2008 e 2011), preparado no âmbito dos projetos VAPOR e PALMA, do CLUL. Os dados do português apresentados neste texto, e para os quais não apresentamos indicação da variedade, são exemplos do PST, extraídos deste *corpus*. Começaremos por apresentar as estratégias exibidas pelo PST, confrontando-as com as do PE, língua oficial e língua-alvo no processo de escolarização em São Tomé e Príncipe. Em seguida, discutiremos em que medida a variação exibida pelo PST pode ser analisada como um fenómeno de alternância dativa, semelhante ao existente, por exemplo, no inglês. Para tal, serão consideradas variáveis linguísticas como o tipo de verbo e o traço de animacidade do constituinte em análise, bem como a distribuição das estratégias de realização do argumento dativo no *corpus* por informante.

3.1 Recipientes, Alvos e Beneficiários no PST e no PE

Tradicionalmente, assume-se que a única estratégia exibida pelo PE para a realização do argumento dativo com o papel temático de Recipiente é a CDP (cf. (1)) (e.g. Kayne 1984; Baker 1988).⁶

⁶ Veja-se Torres Morais (2006, 2012), Torres Morais & Berlinck (2007) e Torres Morais & Lima Salles (2010), para a proposta de que as construções apresentadas em (1.b-c) do PE podem ser interpretadas como construções de duplo objeto e os contra-argumentos apresentados por Gonçalves (2016) em favor de que tais construções apenas podem ser analisadas como CDPs.

- (1) a. O professor entregou o livro às crianças.
 b. O professor entregou **às crianças** o livro.
 c. O professor entregou-**lhes** o livro.

O PST, por sua vez, exhibe a possibilidade de expressar o argumento dativo com o papel temático de Recipiente através de uma CDP encabeçada por *a* ou *para* (cf. (2.a-b)-(3.-a-b)) ou de uma CDO (cf. (4.a-b)), independentemente do valor de animacidade. As mesmas estratégias são usadas com DPs pronominais, ou seja, o argumento pode ser cliticizado por *lhe* (cf. (2.c)), ou pronominalizado por *ele/ela*, precedido ou não pelas preposições *a* ou *para* (cf. (3.c-d) e (4.c)).

- (2) a. *Dão dinheiro às pessoas.*
 b. *Dá um bom rendimento ao país.*
 c. *Eu pedi-**lhe** que me levasse para o mercado.*
- (3) a. *Isso cria problema para homem.*
 b. *Não tenho tempo livre para prestar serviço para agências [de turismo].*
 c. *Mãe tem um sobrinho que faz aguardente, vende para ela, ela volta a revender.*
 d. *Sempre digo a eles que é para esforçar.*
- (4) a. *Entrega senhor uma cerveja.*
 b. *Cavalo deu leão pontapé.*
 c. *Dou ela uns cinco contos.*

Deste modo, o PST distingue-se tipologicamente do PE, ao exhibir, paralelamente à CDP introduzida por *a*, uma CDO e uma CDP introduzida por *para* (ou *a* com DPs pronominais). Por outro lado, o PST aproxima-se da língua de contacto, o forro, por exhibir uma CDO (cf. (secção 4)).

Veja-se que a possibilidade de o PST exibir uma CDP introduzida por *para*, distintamente do PE, se refere à expressão dos argumentos com o papel temático de Recipiente (cf. (3)) e não aos dativos não argumentais com o papel temático de Beneficiário. De facto, o PE e o PST convergem ao admitirem que o dativo não argumental seja introduzido pela preposição *para* (cf. (5-6)).

- (5) a. O Marco comprou um carro **para o filho**.
 b. Construí uma casa **para os meus pais**.
 c. A bruxa preparou uma armadilha **para a princesa**.⁷
 (PE, Gonçalves & Raposo 2013: 1177)
- (6) a. *Ela trabalha em casa de alguém. Faz trabalho **para outras pessoas**.*
 b. *Ele também pensou em lançar lá filmes, projetar filmes **para população**.*
 c. *Comercializava arte **para ele**.*

Além disso, veja-se que a preposição *para* também introduz o argumento com o papel temático de Alvo, tanto no PE como no PST (cf. (7-8)).

- (7) Falência de têxtil de Castelo Branco atira 170 trabalhadores **para o desemprego**. (= para lá).
 (PE, Gonçalves 2016: 105-106)

⁷ Note-se que, no PE, a preposição *para* pode alternar com a preposição *a* na expressão de Beneficiários. Neste caso, com NP pronominais, o uso do clítico *lhe* é crucial para a gramaticalidade dos enunciados (Gonçalves & Raposo 2013: 1176-1180).

- (i) a. O Marco comprou um carro **ao filho**.
 b. *O Marco comprou um carro **a ele**.
 c. O Marco comprou-**lhe** um carro.

- (8) a. *Angola é que tem que (...) enviar de novo para [o] país.* (= para lá)
 b. *Outra pessoa que está em casa cuida [da criança] e leva[-a] para [a] escola.* (= para lá)

Evidência adicional sobre o diferente estatuto dos PPs em (3), (6), (7) e (8) é dada pelo facto de apenas os últimos poderem ser substituídos por sintagmas adverbiais, podendo os restantes ser cliticizados no verbo por *lhe(s)*.

Em R. Gonçalves (2010), considerou-se que a coocorrência de diferentes estratégias de realização do argumento dativo com o papel temático de Recipiente, e nomeadamente a possibilidade de o PST exibir a CDO, está relacionada com a reestruturação das grelhas argumentais dos verbos nesta variedade do português, no sentido da (di)transitivização direta, manifestada, de igual forma, com verbos de outras classes, a saber *assistir, lembrar, esquecer, gostar, precisar, entrar, pegar*, etc. Tipicamente, os verbos com os quais se observa uma mudança na grelha argumental selecionam no PE um argumento introduzido pelas preposições *a, de* ou *em*. Para a mudança nas propriedades de subcategorização verbal, terá contribuído, em parte, o contacto com o forro, no qual, por haver um pequeno número de (verdadeiras) preposições e estratégias distintas (cf. secção 4.1), os verbos selecionam tipicamente um DP.

Para esta reestruturação, e designadamente a nível dos verbos ditransitivos, terá contribuído igualmente a própria ambiguidade que reside na sua grelha argumental – verbos do tipo *dar* (*core dative verbs*) por oposição a verbos do tipo *atirar/enviar* (*non-core dative verbs*), seguindo a tipologia apresentada em Rappaport-Hovav & Levin (2008).

Na proposta destas autoras, os verbos ditransitivos subdividem-se entre *core* e *non-core dative verbs*, no sentido em que, enquanto os primeiros apenas envolvem a mudança do possuidor do Tema, os segundos, paralelamente, também envolvem o movimento literal do Tema. Assim, os verbos que integram o primeiro grupo selecionam unicamente um

argumento com o papel temático de Recipiente, ao passo que os verbos do segundo grupo selecionam um argumento com o papel temático de Recipiente ou de Alvo. Pertencem à classe *core dative verbs*: (i) verbos que inerentemente expressam transferência de posse, tais como ‘dar’, ‘emprestar’, ‘alugar’; (ii) verbos que expressam a posse no futuro, tais como ‘permitir’, ‘oferecer’, ‘prometer’; e (iii) verbos de comunicação, tais como ‘dizer’, ‘mostrar’, ‘perguntar’. Por sua vez, pertencem à classe *non-core dative verbs*: (i) verbos que expressam o ato de enviar, como ‘enviar’, ‘expedir’; (ii) verbos de movimento balístico, como ‘atirar’; (iii) verbos de movimento direcionado como ‘levar’ ou ‘trazer’; e (iv) verbos de instrumentos de comunicação, como ‘telefonar’.

De facto, no PE, o argumento com o papel temático de Recipiente, subcategorizado por verbos do tipo *dar* apenas pode ser questionado pelo morfema-Q *a quem* (cf. (9-10)). Por sua vez, verbos do tipo *atirar/enviar* subcategorizam um argumento com o papel temático de Alvo [\pm ANIM]. Por essa razão, esse argumento pode ser questionado pelo morfema-Q *a quem* [\pm ANIM] ou *onde* [$-$ ANIM] (cf. (11-12)). Distintamente do argumento com o papel temático de Recipiente [\pm ANIM] e do argumento com o papel temático de Alvo [\pm ANIM] (interpretado como Recipiente), introduzidos pela preposição funcional *a*, o argumento com o papel temático de Alvo [$-$ ANIM] pode ser introduzido pela homónima preposição direcional *a* ou pela preposição direcional *para* (cf. (9-10) vs. (11-12)).

(9) a. – A quem é que deste/ofereceste/emprestaste a bola?

– Dei-a/ofereci-a/emprestei-a **ao meu irmão**.

b. *Aonde/onde é que deste/ofereceste/emprestaste a bola?

(PE, Gonçalves 2016: 90)

(10) a. A quem é que atiraste a bola? Atirei-a **ao meu irmão**.

b. A quem é que enviaste o embrulho? Enviei-o **ao meu irmão**.

(*Ibidem*)

- (11) a. Aonde é que atiraste os livros? Atirei-os **à parede**.
 b. Aonde é que enviaste o mensageiro? Enviei-o **a Lisboa**.
 (*Ibidem*)
- (12) a. Para onde é que atiraste os papéis? Atirei-os **para o chão**.
 b. Para onde é que enviaste o mensageiro? Enviei-o **para Lisboa**.
 (*Ibidem*)

Os *core dative verbs* também podem subcategorizar Recipientes com o traço [-ANIM]. Porém, estes ocorrem preferencialmente com predicados complexos introduzidos por verbos leves, como *dar* ou *fazer*, seguidos do nome deverbal (cf. (13)). Nestes contextos, prevalecem as propriedades do nome deverbal, que seleciona o argumento dativo, podendo os mesmos serem parafraseados pelos verbos plenos correspondentes. Além disso, nestes casos, o argumento dativo é questionado pelo morfema-Q *a que* (cf. (14)).

- (13) a. O João **deu um empurrão** à porta/ao irmão. (= empurrar)
 b. A Maria **fez uma visita** ao seu antigo local de trabalho/à família.
 (= visitar)
 (PE, Gonçalves 2016: 94)
- (14) – **A que** é que deste uma pintura?
 – Dei uma pintura **às estantes**.
 (PE, Gonçalves 2016: 171)

No PST, também são registadas ocorrências de predicados complexos introduzidos pelo verbo *dar*, as quais envolvem maioritariamente a CDP introduzida por *a* (cf. (15)), o que pode dever-se ao seu estatuto de combinatória V+N+PREP.

- (15) a. *Faço trabalho (...), que é dar assistência aos cliente.* (= assistir)
 b. *... vão aplicar nesse sistema para dar uma cobertura a tudo isso.*
 (= cobrir)

Em suma, paralelamente aos *core dative verbs*, plenos ou leves, que subcategorizam o argumento dativo, o PE dispõe de uma segunda classe de verbos ditransitivos, cuja grelha argumental é ambígua. Verbos do tipo *enviar/atirar* podem subcategorizar Recipientes ou Alvos. Estes, por sua vez, podem ser introduzidos por preposições homónimas, a preposição funcional *a* e a preposição direcional *a*, sendo que esta última se encontra em alternância com a preposição direcional *para*, quando envolvidos Alvos (Locativos). Acreditamos que esta ambiguidade pode estar na base da possibilidade de no PST o argumento dativo poder ser introduzido tanto pela preposição *a* como pela preposição *para*. Acresce ainda o facto de no PE os dativos com o papel temático de Beneficiário poderem ser introduzidos tanto pela preposição *para* como pela preposição *a* e *de*, neste caso, serem exclusivamente cliticizáveis por *lhe(s)* (cf. nota de rodapé 5). Além disso, o estatuto meramente funcional da preposição *a*, associado ao seu estatuto fonético fraco, pode contribuir igualmente para a sua perda, com Recipientes e Alvos [\pm ANIM], como é observado em diferentes variedades não europeias do português.

3.2 Alternância dativa no PST?

Como vimos, o PST exhibe diferentes estratégias para a expressão do argumento dativo com o papel temático de Recipiente. Porém, importa agora discutir a distribuição das mesmas no *corpus*, no sentido de verificar se se pode assumir que a coocorrência de CDPs e de CDOs no PST constitui um fenómeno de alternância dativa.

Como mostrado em Gonçalves (2016, 2017), uma análise das ocorrências dos dativos com o papel temático de Recipiente (ou Alvo [+ANIM], interpretado como Recipiente) por informante permite distinguir

quatro grupos de informantes, de acordo com as estratégias exibidas nas suas produções, a saber: (i) um grupo de 14 informantes (30%) que usam tanto a CDO como a CDP, introduzida por *a* ou *para*; (ii) um grupo de 11 informantes (23%) que apenas usam a construção ditransitiva preposicionada, introduzida por *a* ou *para*; (iii) um grupo de 7 informantes (15%) que apenas usam a CDO; e (iv) um grupo de 15 informantes (32%) que apenas usam a CDP introduzida por *a*, à semelhança do PE. Para tal, contribuem em larga medida os DPs plenos, sendo que o número de ocorrências de CDOs e/ou CDPs com DPs pronominais é bastante mais reduzido. Tanto nas produções do primeiro como do segundo grupo, a CDP introduzida por *para* é maioritariamente produzida com DPs plenos. O uso do clítico dativo *lhe* sobrepõe-se ao de uma forma pronominal introduzida por *para* ou *a*, distintamente do que tem sido descrito, por exemplo, para o PB (e.g. Torres Morais & Berlinck 2006). Uma análise dos dados considerando a variável extralinguística *nível de escolarização* permite verificar que os falantes com mais baixo nível de escolaridade (ensino básico) tendem a produzir apenas a CDO, ao passo que os falantes com nível igual ou superior ao ensino secundário tendem a produzir exclusivamente a CDP ou a exibir alternância entre a CDO e a CDP. Estes dados corroboram a tendência observada em outros estudos, como Brandão (2011) e Brandão & Vieira (2012), sobre a ausência de concordância nominal e verbal no PST, no sentido em que estruturas não conformes ao PE padrão são maioritariamente exibidas em informantes menos escolarizados.

Embora estejamos a nomear os Recipientes como DPs, no *corpus* do PST também se registam ocorrências de DPs reduzidos, ou seja, DPs que consistem apenas no nome e, eventualmente, nos seus complementos, designadamente em CDPs encabeçadas por *para* e em CDOs (cf. (3.a-b) e (4.a-b), repetidos abaixo).

- (16) a. *Isso cria problema para homem.*
 b. *Não tenho tempo livre para prestar serviço para agências [de turismo].*

- (17) a. *Entrega **senhor** uma cerveja.*
 b. *Cavalo deu **leão** pontapé.*

Na verdade, os dados do *corpus* apresentados fornecem evidência a favor de que o Recipiente no PST é maioritariamente um DP reduzido, quando envolvida a CDO ou a CDP introduzida por *para*, independentemente da variável *nível de escolarização* (Gonçalves 2016).

Se consideradas variáveis linguísticas como o tipo de verbo dativo e o traço de animacidade do constituinte, os dados do *corpus* mostram que, na CDO, o Recipiente é tipicamente [+ANIM] e subcategorizado por *core dative verbs* (cf. (17)). Por sua vez, a CDP introduzida por *a* envolve exclusivamente *core dative verbs*, com argumentos [±ANIM], DPs plenos ou pronominais (cf. (2), repetido em (18)).

- (18) a. *Dão dinheiro **às** pessoas.*
 b. *Dá um bom rendimento **ao** país.*
 c. *Eu pedi-**lhe** que me levasse para o mercado.*

Porém, por outro lado, não só se registam ocorrências da CDP introduzida pela preposição *para* (ou *a*, no caso dos DPs pronominais) com *non-core dative verbs*, (cf. (19)), como também, e sobretudo, com *core dative verbs* [+ANIM] (cf. (20)). Independentemente do tipo de verbo, o argumento dativo envolvido na CDP encabeçada por *para* é exclusivamente [+ANIM].

- (19) a. *Tive que ajudar mãe trabalhar, para mandar dólares **para o meu irmão**.*
 b. *Mandar [a criança] **para a mãe** lá no Príncipe.*
- (20) a. *Entregava o dinheiro **para o banqueiro**.*
 b. *Algumas [histórias] também que os professores ouviram também que contavam **para os seus alunos**.*

- c. *Sempre digo a eles que é para esforçar, tentar aprender* (eles = filhos).
 d. *Quando estou em casa, dou o máximo para eles* (eles = filhos).

Estes dados mostram que no PST a preposição *para* é usada tanto com os chamados *non-core dative verbs* como com os *core dative verbs*.

3.3 Síntese

A análise do argumento com o papel temático de Recipiente no PST mostra que existem diferentes gramáticas em competição nesta variedade emergente do português. Além disso, e apesar de não ser um fenómeno generalizado no *corpus*, é um facto que o PST exhibe verdadeiramente alternância dativa, não só no sentido em que os mesmos informantes produzem mais do que uma estratégia, mas igualmente na medida em que a escolha de CDO e/ou CDP parece estar relacionada com o tipo de verbo envolvido.

Na Tabela 1, sintetizam-se as estratégias, bem como a sua relação com os fatores linguísticos em análise.

Tabela 1. Distribuição de CDPs e CDOs no PST por variáveis linguísticas.

		Verbos core dative	Verbos non-core dative
	CDO	√	(√)
[+ANIM]	CDP (<i>a</i>)	√	√
	CDP (<i>para</i>)	√	√
[-ANIM]	CDO	√	√
	CDP (<i>a</i>)	√	√
	CDP (<i>para</i>)	X	√

Apesar de a Tabela 1 mostrar que a combinatória de quase todas as variáveis é possível no PST, como vimos, os *core dative verbs* estão envolvidos preferencialmente em CDPs introduzidas pela preposição *a* ou em CDOs, ao passo que os *non-core dative verbs* são usados em CDPs introduzidas

tanto pela preposição *a* como pela preposição *para*, com preferência por esta. Isto sugere que, embora a preposição *para* seja especificada com os traços [+direcional, +locativo] no PE, está a ser reanalisada no PST como uma preposição subespecificada quanto aos traços direcional e locativo ([±direcional, ±locativo]), podendo assim introduzir não só Alvos (locativos) subcategorizados por *non-core dative verbs* (cf. (8)) como também Recipientes (e Alvos reinterpretados como tal) subcategorizados por *core* e *non-core dative verbs* (cf. (19-20)). Consideramos, porém, que não há ainda evidência suficiente para assumir que a preposição *para*, com os *core dative verbs*, já tenha sido gramaticalizada como uma preposição [-direcional, -locativa], à semelhança da preposição *a*, porque, se assim fosse, esperar-se-ia encontrar alternância entre esta e a CDO nos mesmos informantes, tal como ocorre com a CDP introduzida por *a*, o que não é observado nos dados do *corpus*.

Além da variável *tipo de verbo*, vimos igualmente que o efeito da animacidade do argumento dativo parece ser relevante, uma vez que tanto a CDO como as CDPs são preferidas quando o constituinte apresenta o traço [+ANIM]. Porém, esta associação pode ser determinada pela baixa ocorrência do constituinte com o traço [-ANIM] no *corpus*.

4 Dativos no forro

A análise e discussão dos dados que faremos nesta secção tem por base o *corpus* do forro do CLUL, o qual é composto por dados escritos e dados orais e compreende cerca de 213.000 palavras (Hagemeyer *et al.* 2014), bem como dados elicitados com falantes do forro. Os exemplos que se seguem e que não apresentam qualquer indicação foram extraídos deste *corpus*.

A estratégia dominante para a expressão de dativos no forro é a CDO. Porém, veremos, de seguida, que esta língua exhibe igualmente duas outras estratégias, designadamente uma CDP encabeçada pela preposição *da* e construções de serialização verbal (CSV). Importa, contudo, saber em que medida essas podem coocorrer com a CDO, constituindo evidência de

alternância dativa; ou se, por outro lado, as CDPs e CSVs são usadas para a expressão de argumentos com um papel temático distinto do de Recipiente. Começaremos por discutir as estratégias dativas exibidas pelo forro, para, de seguida, discutir se esta língua exhibe alternância dativa, partindo igualmente da distinção semântica entre *core* e *non-core dative verbs* proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008) e considerando variáveis semânticas como o tipo de verbo e o traço de animacidade do constituinte.

4.1 *Recipientes, Alvos e Beneficiários no forro*

A CDO é considerada uma propriedade generalizada das línguas crioulas, constituindo, em particular, uma característica dos crioulos atlânticos (e.g. Bruyn, Muysken & Verrips 1999; Adone 2004; Haspelmath & Michaelis 2013). No caso do forro, esta construção ocorre predominantemente com constituintes com o papel temático de Recipiente (cf. (21)) ou Origem (cf. (22)), os quais precedem linearmente o Tema, à semelhança da maioria das línguas que apresentam estas estruturas.

(21) *Ê tlega sun alê tlê-tlêxi kwa se*
 3SG entregar Sr. rei RED-três coisa DEM
 ‘Ele entregou todas estas três coisas ao rei.’

(22) *pa a tê ngê ka futa pôvô nganha ni kapwela?*
 para IMP ter pessoa HAB roubar povo galinha LOC capoeira
 ‘Para termos pessoas a roubar galinhas da capoeira ao povo?’

No que se refere à pronominalização, os argumentos com os referidos papéis temáticos cliticizam no verbo, conforme ilustrado em (23.a-c).⁸ No entanto, diferentemente do português, não existe uma distinção formal entre pronomes de objeto dativos e acusativos (e.g. *tleg'e* ‘entregá-lo,

⁸ Os argumentos a favor do estatuto clítico dos pronomes de objeto são discutidos em Hagemeijer (2007, Cap. 2).

entregar-lhe’; *kopl’e* ‘comprá-lo’), o que poderá explicar, parcialmente, algumas alterações ao sistema de clíticos de objetos do PST (Gonçalves 2016). Apenas nos casos de pronominalização simultânea dos dois argumentos internos, o pronome correspondente ao acusativo ocorre obrigatoriamente na forma forte (*êlé*), como em (23.c), visto que o clítico dativo bloqueia a possibilidade de cliticização direta no hospedeiro verbal e não se formam grupos clíticos nesta língua.

- (23) a. *Désu ka d’e vida.*
 Deus HAB dar-3SG vida
 ‘Deus dá-lhe vida.’
- b. *Ladlon futa bô bana.*
 Ladrão roubar 2SG banana-pão
 ‘O ladrão roubou-te bananas-pão.’
- c. (...) *punda ôtlô ngê so da mu êlé.*
 porque outra pessoa FOC dar 1SG 3SG
 ‘(...) porque uma outra pessoa é que mo deu.’

Os Beneficiários são tipicamente introduzidos pela forma *da* (cf. (24.a-c.)), que é homónima do verbo *da* ‘dar’, porém tipicamente com traduções como ‘para, por, em nome de’.⁹ Na discussão que se segue, glosamos este morfema como PREP, uma vez que partilha a maioria dos seus traços linguísticos com esta categoria.

⁹ De acordo com a literatura, os exemplos (24.a-b) podem ser classificados como *plain beneficiaries* e (24.c) como *deputative/substitutive beneficiary* (e.g. Marten & Kula 2014; van Valin & LaPolla 1997). No primeiro tipo, o enfoque está no benefício para o beneficiário em virtude da ação denotada pelo verbo. No segundo tipo, o agente da ação beneficia a entidade humana a que se substitui. Neste caso, é o alocutário que se substitui ao locutor da frase ao dar os cumprimentos em nome deste. Não aprofundamos esta distinção no presente capítulo.

- (24) a. *Non pidji vida da sun.*
 1PL pedir vida PREP 3SG
 ‘Pedimos vida para ele/si.’
- b. *Likêza ku n tê, n ga môlê, fika da bô.*
 riqueza REL 1SG ter 1SG FUT morrer deixar PREP 2SG
 ‘A riqueza que tenho, quando morrer, deixo para ti.’
- c. *Xi bô be di xtlada Monta, fla san Stela mantxan da mu.*
 Se 2SG ir de estrada Monta falar Sra. Stela cumprimento PREP 1SG
 ‘Se fores pela estrada de Monta, dá cumprimentos à Sra. Stela por mim/em meu nome.’

Nos nossos dados, identificámos, no entanto, um leque muito reduzido de casos, com verbos declarativos, em que *da* ‘PREP’ introduz um dativo com o papel temático de Recipiente.

- (25) a. *N'ai en n xka konfesa da sun padê.*¹⁰
 em-aqui EMPH 1SG PROG confessar PREP Sr. Padre
 ‘Estou aqui a confessar ao senhor padre.’
- b. *Non sêbê kuma sun se ka mintxila da nen maxibin*
 1PL saber COMP 3SG DEMHAB mentir PREP PL jovem
di tela non
 GEN país POSS
 ‘Sabemos que ele mente aos jovens da nossa terra’

Na literatura, as estruturas com um equivalente a *da* são frequentemente classificadas como CSV (por vezes rotuladas de ‘give’-serials), ainda que seja possível demonstrar, em muitos casos, que o item lexical correspondente a *give* partilhe traços com a classe das preposições (e.g. Lord 1993; Maurer

¹⁰ Note-se que o verbo *konfesa* não dá azo a estruturas de duplo objeto:

(i) **Ome se konfesa padê pekadu.*
 homem DEM confessar padre pecado

2009; Veenstra 1996). Aplicando diversos testes sintáticos (cf. Hagemeyer 2000), verifica-se que nestas estruturas a forma *da* tem características preposicionais, uma vez que não pode, por exemplo, ser precedida de marcas de tempo-modo-aspeto pré-verbais e é legitimada em contextos de pergunta-resposta sem pronome (e.g. *Da bô*. ‘Para ti.’), numa língua que não apresenta sujeitos nulos. Por outro lado, *da* também apresenta duas propriedades que o assemelha à classe dos verbos em forro, a saber o abandono da preposição sem vestígio (cf. (26.a)) e a cliticização (cf. (26.b)), o que poderá constituir evidência para o facto de ter passado diacronicamente por um processo de reanálise e conseqüente gramaticalização.

- (26) a. *Kê ngê ku Zon tlabá da?*
 que pessoa COMP João trabalhar PREP
 ‘Para quem trabalhou o João?’ (Forro, adaptado de Hagemeyer 2000: 102)
- b. *Non pidji vida d’e.*
 1PL pedir vida PREP-3SG
 ‘Pedimos vida para ele/si.’ (Forro, elicitado)

Independentemente desta especificidade relacionada com a natureza categorial de *da*, o forro, tal como os outros crioulos do Golfo da Guiné, apresenta ampla evidência para as CSV (Hagemeyer 2000, 2001; Maurer 1995, 2009; Post 1992), uma estratégia tipológica que consiste na expressão de eventos complexos mediante sequências de verbos e que, no caso destes crioulos, está relacionada com a presença de CSV nas línguas de substrato, nomeadamente na família edóide do Níger-Congo (Hagemeyer 2011; Hagemeyer & Ogie 2011). Considerem-se os seguintes exemplos.

- (27) *Ê ligi kaneka tlega men dê.*
 3SG erguer caneca entregar mãe POSS
 ‘Ele entregou a caneca à mãe.’

- (28) *Padê ku na tê mosu fa ka klaga misali ba glêza.*
 padre REL NEG ter rapaz NEG HAB carregar missal ir igreja
 ‘O padre que não tem acólitos carrega o missal para a igreja.’
 (provérbio)

Na estrutura em (27), o Recipiente *men dê* é introduzido pelo verbo *tlega*, que, como vimos em (21) acima, legitima a CDO quando ocorre como verbo principal. Neste tipo de CSV, quando ocorrem dois argumentos internos (*kaneka* e *men dê*), discute-se se cada um dos verbos atribui apenas um papel semântico ou se verbos em segunda posição, como *tlega*, atribuem dois papéis semânticos, um Recipiente (*men dê*) e um Tema (*kaneka*), sendo que este último moveria para receber Caso de um verbo defetivo ou leve, aqui *ligi*.¹¹ Estes estudos centram-se, portanto, na contribuição para a estrutura e no grau de defetividade do V1 (aqui *ligi*),¹² que forma uma unidade semântica com o V2 (*tlega*) em (27).¹³ Para os falantes do forro, esta CSV distingue-se semanticamente da CDO em (21) pelo facto de *ligi* reforçar a maior determinação do sujeito na execução da ação.

No exemplo (28) estamos perante uma CSV direcional com verbo *ba* ‘ir’, que no forro é um dos introdutores por excelência do papel temático de Alvo, aqui *glêza* ‘igreja’, conferindo um traço de movimento

¹¹ A defetividade do primeiro verbo nestas construções, por vezes catalogadas como ‘*take*’-serials, tem sido demonstrada por diversos autores, tais como Campbell (1996), Dikken & Sybesma (1998), Lefebvre (1991) e Veenstra (1996) para línguas tão distintas como, respetivamente, o kwawu, o mandarim, o haitiano e o saramacano.

¹² Outros verbos deste tipo no forro são, por exemplo, *toma* e *pega* ‘tomar, pegar’ (cf. Hagemeijer 2000).

¹³ *Ligi* é derivado do português ‘erguer’ e ocorre frequentemente com o verbo direcional/locativo *pê*:

- (i) *Mosu ka ligi mina pê kanwa.*
 Rapaz HAB erguer criança pôr canoa
 ‘O rapaz colocou a criança na canoa.’

direcionado ao predicado complexo.¹⁴ Diferentemente da estratégia de *da*, nomeadamente para Beneficiários (cf. (24)), é possível demonstrar que *ba* ‘ir’, nestas estruturas, apresenta traços verbais (Hagemeyer 2000, 2001), como por exemplo a possibilidade de receber marcação aspetual pré-verbal (cf. (28)) e a impossibilidade de ocorrer como resposta sem pronome (**Ba glêza*. ‘Para a igreja.’).

4.2 Alternância dativa no forro?

Os dados do *corpus* do forro mostram que os verbos do tipo *da* ‘dar’ com Recipientes ocorrem tipicamente na CDO. Ao grupo dos *core dative verbs* pertencem: (i) os que inerentemente expressam transferência de posse, tais como *da* ‘dar’, *tlega/tanda* ‘entregar’, *plesa* ‘emprestar’ (cf. (29-30));¹⁵ (ii) os que expressam a posse no futuro, tais como *plêmêê/plômêê* ‘prometer’ (cf. (31)); e (iii) os que expressam comunicação, tais como *fada* ‘dizer’,¹⁶ *punta* ‘perguntar’, *mu(n)sa* ‘mostrar’, *pidji* ‘pedir’ ou *xina* ‘ensinar’¹⁷ (cf.

¹⁴ Alguns outros exemplos são:

- (i) *N ga dêsê ba poson.*
 1SG FUT descer ir cidade de São Tomé
 ‘Vou descer para a cidade.’
- (ii) *Avo mu sama mu ba kantu.*
 Avó POSS chamar 1SG ir canto
 ‘A minha avó chamou-me para um canto.’

¹⁵ Note-se que, apesar de as estruturas apresentadas em (28) e (29) se assemelharem às construções de predicados complexos do PE, por combinarem verbos como *dar* e *fazer*, que nesta língua constituem verbos leves e selecionam nomes deverbais, não são aqui analisadas como tal (e.g. Duarte *et al.* 2009; Gonçalves *et al.* 2010). Por um lado, não só o forro não exhibe a possibilidade de a sequência *da gloya* ‘dar glória’ ser parafraseada pelos verbos plenos correspondentes, como ultrapassa o escopo deste trabalho definir os critérios que caracterizam um verbo leve nesta língua. Registe-se, porém, que, no PE, por exemplo, independentemente de as construções ditransitivas envolverem um verbo pleno ou um verbo leve, o argumento dativo é sempre introduzido pela preposição *a*.

¹⁶ *Fada* ‘dizer’ é, ao que tudo indica, uma forma que resulta da contração de *f(la)+da* ‘falar+dar’, que resultou na formação de um verbo ditransitivo, apresentando, pois, uma ligação a verbos declarativos como *konfesa* ‘confessar’ e *mintxila* ‘mentir’, cujo argumento com a função de Recipiente é introduzido por *da* (cf. exemplos 25.a-b acima).

¹⁷ Também apresenta o significado de ‘aprender’.

(32)), de acordo com a tipologia proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008).

(29) *Kuma n ga pô da mosu neni?*
 como 1SG FUT poder dar rapaz anel
 ‘Como vou poder dar o anel ao rapaz?’

(30) *Mosu plesa migu se kweka.*
 rapaz emprestar amigo DEM cueca
 ‘O rapaz emprestou as cuecas ao amigo.’

(31) *Ê na plômêté sungê djêlu fa.*
 3SG NEG prometer senhor dinheiro NEG
 ‘Ele não prometeu dinheiro ao senhor.’

(32) *N bila mêsê punta Sabinu ãa kwa.*
 1SG novamente querer perguntar Sabinu uma coisa
 ‘Eu quero de novo perguntar algo ao Sabino.’

Nos nossos dados, a ocorrência da CDO com *non-core dative verbs* limita-se ao verbo *manda* ‘mandar, enviar’.¹⁸

(33) a. *Sun Pinto manda inen mantxan.*
 Sr. Pinto mandar 3PL cumprimentos
 ‘Sr. Pinto mandou-lhes cumprimentos.’

¹⁸ Apesar de os dativos neste exemplo serem formas pronominais (*inen, sun*), partilham a mesma posição sintática (superficial) com DPs plenos. Como referimos acima (cf. 26.b), os constituintes nominais encabeçados por *da* cliticizariam nesta preposição (*d’inen, da sun*) e não no verbo.

- b. *Sun fla pa manda sun dôsu pombin.*
 3SG dizer COMP mandar 3SG dois pombos
 ‘Ele disse para lhe mandarem dois pombos.’

É também com o verbo *manda* que *da* ‘PREP’ pode funcionar como introdutor do papel temático de Recipiente, o que remete para a existência de verdadeira alternância dativa no forro. Porém, embora a leitura preferida dos informantes seja a de Recipiente, pelo facto de ser mais natural associar este verbo a um destinatário, a leitura de Beneficiário, neste caso um *deputative beneficiary* (cf. nota de rodapé 5), também se encontra disponível (cf. (34)).

- (34) a. *N ga ba manda kata da sun pruvigaryu.*
 1SG FUT ir mandar carta PREP senhor provigário
 ‘Enviarei uma carta ao senhor provigário.’
 ‘Enviarei uma carta em nome do senhor provigário.’ (tradução elicitada)
- b. *Ê manda lekadu da Keblankana ku Ngungu.*¹⁹
 3SG mandar recado PREP Keblankana e Ngungu
 ‘Ele enviou uma mensagem aos *Keblankana* e *Ngungu*.’ (tradução publicada)
 ‘Ele enviou uma mensagem em nome de *K.* e *N.*’ (tradução elicitada)
 (Adaptado de Graça 1989: 17-18)

A alternância dativa não se restringe às construções que envolvem o *non-core dative verb* acima, como se pode observar nos contextos seguintes, retirados, à exceção de (36.a), do *corpus* e confirmados por informantes.

¹⁹ Aqui, no contexto de um poema, trata-se da personificação de *keblankana* e *ngungu*, espécies de aves são-tomenses.

- (35) a. *Ose ku tela da **Sumu** gloya.*
 céu e terra dar Senhor glória
 ‘O céu e a terra deram glória ao Senhor.’
- b. *Non xka da gloya da **Sumu**.*
 1PL PROG dar glória PREP Senhor
 ‘Damos glória ao Senhor.’
- (36) a. *Sela non da **ome** se ãa viva.*
 ter.de 1PL dar homem DEM um viva
 ‘Temos de dar um viva a esse homem.’ (elicitado)
- b. *Bamu da ãa viva da **plizidentxi**.*
 vamos dar um viva PREP presidente.
 ‘Vamos dar um viva ao presidente.’

Trata-se, contudo, de um fenómeno limitado que confirma a tendência para Recipientes ocorrerem no formato da CDO e que remete para a lexicalização parcial de V+N (*da+gloya/viva*). Convém notar que, em outras estruturas com características semelhantes, a impossibilidade de o argumento dativo ser interpretado como Beneficiário deriva na agramaticalidade da CDP (cf. (37-38)).

- (37) a. *da **kume** gôxtô.*
 dar comer gosto
 ‘dar sabor à comida.’
- b. **da gôxtô da **kume**.*
 dar gosto PREP comida (elicitado)
- (38) a. *da **ngê** benson.*
 dar pessoas benção
 ‘dar a benção às pessoas.’

- b. **da benson da ngê*.²⁰
 dar bênção PREP pessoa (elicitado)

Do mesmo modo, a impossibilidade de o dativo ser interpretado como Recipiente deriva na agramaticalidade da CDO (cf. (39-40)).

- (39) a. ... *buka aliba da bwê*.
 buscar erva PREP boi
 ‘buscar erva para os bois/o gado.’
 b. **buka bwê aliba*. (elicitado)
- (40) a. ... *fe xtlivisu da govenu*.
 fazer trabalho PREP governo
 ‘fazer trabalho/trabalhar para o governo/estado.’
 b. **fe govenu xtlivisu*. (elicitado)

Veja-se igualmente que verbos plenos como *kopla* ‘comprar’ e *bêndê* ‘vender’, que especificam a forma como a transferência de posse é efetuada (Levin 2005: 4) e subcategorizam inequivocamente um Beneficiário, ocorrem apenas na CDP (cf. (41-42)).²¹

²⁰ Esta estrutura é gramatical com a interpretação de Beneficiário (*deputative*): ‘dar a bênção em nome das pessoas/em vez das pessoas’.

²¹ Veja-se ainda que, no forro, o argumento dativo com o papel temático de Fonte/Origem, selecionado por verbos como *kopla* ‘comprar’, *toma* ‘tomar’ ou (*n*)*ganha* ‘ganhar’, é introduzido pela expressão *ni mon di* ‘na mão de’ (cf. (i-ii)).

- (i) *San kopla kwa ni mon di tudu ngê se ôdô*.
 senhora comprar coisa PREP mão de todas pessoas DEM influente
 ‘A senhora comprou coisas a todas estas pessoas influentes.’
- (ii) *Mwala sosegadu so ka nghanha ni mon d’ome*.
 mulher calma FOC GEN ganhar PREP mão PREP-homem
 ‘A mulher serena é que conquista o marido.’

- (41) a. ... *kopla lédê da miga Tina pa ê ba omali.*
 comprar rede PREP amiga Tina COMP 3SG ir mar
 ‘comprar rede para a amiga Tina para ela ir para o mar.’
 b. **kopla miga Tina lédê.* (elicitado)
- (42) a. *bêndê tela non da blanku.*
 vender terra POSS PREP branco
 ‘vender a nossa terra aos brancos.’
 b. **bendê blanku tela non.* (elicitado)

Em suma, a CDO e a CDP são duas estratégias amplamente disponíveis na língua, mas largamente circunscritas a contextos distintos. A CDO é a estratégia dominante para a expressão do argumento dativo com o papel temático de Recipiente, ocorrendo de forma generalizada com *core dative verbs*, tipicamente com argumento dativo com o traço [+HUM]. Por sua vez, a CDP introduzida por *da* ‘PREP’ é, como vimos, a principal estratégia usada no forro para a expressão de diferentes tipos de Beneficiário [+HUM].

Verificou-se também que a alternância dativa entre a CDO e a CDP ocorre apenas de forma residual, nomeadamente com *manda* ‘mandar, enviar’, um verbo *non-core dative*, e estruturas em que o verbo *da* e o Tema (*da gloya* e *da viva*) poderão estar num processo de gramaticalização sintática, obrigando à expressão do dativo com recurso à preposição *da*. Esta hipótese requer, no entanto, investigação adicional, inclusive do ponto de vista da variação entre falantes.

O forro exhibe ainda a possibilidade de expressar Alvos mediante a CDP introduzida por *da* ‘PREP’. O traço de animacidade é determinante para a distinção entre Beneficiários e Alvos, uma vez que, distintamente daqueles [+ANIM], estes são [-ANIM] (cf. (43)).

- (43) *N ga zuga vunvu se da glentu ke.*
 1SG FUT jogar abelha DEM PREP dentro casa
 ‘Eu vou atirar esta abelha para dentro de casa.’

Nesta construção, *da* expressa não apenas um traço direcional, como também indica que a ação foi efetuada com intensidade ou mesmo agressividade, pressupondo impacto no destino, isto é, o argumento introduzido por este *da* tem uma natureza télica que implica localização. A elicitación baseada na frase espontânea (43) acima, com substituição do Alvo [-ANIM] por um [+ANIM], resulta numa estrutura em que o constituinte destacado é um Beneficiário ou um Alvo.

- (44) *N ga zuga vunvu se da sun alê.*
 1SG FUT jogar abelha DEM PREP senhor rei
 ‘Eu vou atirar esta abelha em nome do rei.’ (elicitado)
 ‘Eu vou atirar esta abelha contra o rei.’ (elicitado)

Na verdade, se a CDO é a estratégia dominante para a expressão de Recipientes e a CDP de Beneficiários, a CSV é a estratégia mais recorrente para a expressão dos argumentos com o papel temático de Alvo [-ANIM]. O exemplo (45.a), que apenas se distingue das estruturas em (45-46) pelo uso de *ba* ‘ir’ em vez de *da* ‘PREP’, expressa direcionalidade.²²

- (45) a. *N ga zuga vunvu se ba glentu ke.*
 1SG FUT jogar abelha DEM ir dentro casa
 ‘Eu vou atirar a (referida) abelha para dentro de casa.’ (elicitado)

²² Também ocorrem construções com *ba da*, que recombina os verbos e valores semânticos das duas estruturas, isto é, movimento direcionado e localização:

- (i) *Ê bluguna ba da son.*
 3SG tombar ir dar chão
 ‘Ele tombou ao chão’ (Forro, *corpus*).
 (ii) *Non mêsê punta nen xi a ka zuga plumêla ba da mat an?*
 1PL quererperguntar 3PL se 3PL HAB atirar arroz de primeira ir dar mato INT
 ‘Queremos perguntar-lhes se atiram arroz de primeira categoria para o mato?’
 (Forro, *corpus*)

Obs.: este exemplo foi adaptado de um texto do grupo de Carnaval Tonesdense, sendo que os nossos informantes não reconhecem *plumêla* como palavra do forro, dando a alternativa *plumê byanda*.

- b. *Ūa dja, sun manda san ba Txindadji.*²³
 um dia, 3SG mandar 3SG ir Trindade
 ‘Um dia, ele mandou-a para a Trindade.’

- (46) *Lêdê manda manhêlu saya kanwa pê liba.*
 rede mandar marinheiro puxar canoa pôr cima
 ‘A rede mandou/obrigou o marinheiro a puxar a canoa para cima.’

Os verbos *ba* ‘ir, para’, *bi* ‘vir, para’ e *pê* ‘pôr, para, em’²⁴ são os mais recorrentes nestas estruturas (Hagemeijer 2000). Contudo, de uma forma geral, são raros os casos em que, no PST, se verificam decalques sobre qualquer um dos tipos de CSV que o forro apresenta. Deste ponto de vista, o exemplo (47) é um caso excepcional.

- (47) ... agora para comprar saco de arroz **põe** em casa para família custa.
 ‘... agora para comprar um saco de arroz para casa, para a família, custa.’

Este exemplo do PST constitui um decalque sobre o forro “*kopla ... pê ke*”, que literalmente significa ‘comprar pôr casa’, expressando a ideia de que o arroz é para trazer para casa ou colocar em casa, para o consumo da família. Sendo estas estruturas com Alvo introduzido por *ba* ou *pê* extremamente comuns no forro, pode-se concluir que o *transfer* não se aplica da mesma forma a estruturas distintas.

4.3 Síntese

Os dados descritos e discutidos nas secções anteriores permitem concluir que os *core* e *non-core dative verbs* do forro podem ocorrer em três estratégias distintas: a CDO, a CDP introduzida por *da* e a CSV. Além de

²³ Esta estrutura também pode ser considerada uma estrutura causativa (‘mandou-a ir à Trindade’).

²⁴ A forma *pê* é derivado do português médio/clássico *poer* ‘pôr’ (cf. lung’ie *pwê*).

estarem associadas a papéis temáticos distintos – Recipiente, Beneficiário e Alvo, respetivamente, estas são dependentes de fatores linguísticos como o traço de animacidade e o tipo de verbo. Na Tabela 2, sintetizam-se as estratégias, bem como a sua relação com os fatores linguísticos em análise.

Tabela 2. Distribuição de CDOs, CDPs e CSVs no forro por variáveis linguísticas.

		<i>Verbos core dative</i>	<i>Verbos non-core dative</i>	
			<i>manda</i>	<i>zuga</i>
[+ANIM]	CDO	√	√	X
	CDP (<i>da</i>)	X	√	X
	CSV	X	X	X
[-ANIM]	CDO	√	X	X
	CDP (<i>da</i>)	X	X	√
	CSV	X	√	√

Neste sentido, a distinção semântica entre duas classes de verbos dativos proposta por Rappaport-Hovav & Levin (2008) permite dar conta da distribuição das estratégias de realização do dativo no forro: por um lado, os *core dative verbs* ocorrem exclusivamente na CDO e selecionam tipicamente um Recipiente [+ANIM] (os contextos de CDO com Recipiente [-ANIM] parecem ocorrer exclusivamente em construções aparentadas às de predicado complexo do PE). Por outro lado, os *non-core dative verbs* *manda* e *zuga* parecem ter propriedades de subcategorização distintas. O verbo *manda* ocorre tanto na CDO como na CDP, na expressão de Recipientes [+ANIM], legitimando a verdadeira, mas limitada, alternância dativa no forro. O verbo *zuga* tende a ocorrer exclusivamente na CDP e na CSV, na expressão de Alvos [-ANIM].²⁵

²⁵ Do ponto de vista do PE, apesar de haver contextos no forro em que o verbo *zuga* ‘atirar’ seleciona um argumento introduzido pela forma *da*, num contexto pragmático em que há a intenção de atingir o Alvo do movimento, i.e. *contra alguma coisa*, este não pode ser interpretado como um Recipiente. O mesmo não se verifica com o verbo *manda* ‘mandar, enviar’, em que há transferência de posse no sentido literal ou figurado (cf. (44) vs. (34)).

5 Considerações finais

Em muitos estudos, as variedades de línguas coloniais, e especificamente as variedades africanas do português, têm sido analisadas sobretudo na perspectiva do contacto linguístico, ou seja, são (exclusivamente) apontadas as propriedades partilhadas entre as variedades e as línguas de contacto, não sendo discutida o grau de regularidade destas nas produções dos falantes, nem a variação existente entre falantes. Mesthrie & Bhatt (2008: 159), por exemplo, apontam a elevada importância que tem sido dada à transferência das línguas autóctones na caracterização das variedades pós-coloniais e defendem que estas seguem o processo natural de aquisição de uma L2, sendo que a transferência das línguas de contacto pode contribuir ou não (e muito menos de forma exclusiva), para as propriedades nelas exibidas.

Porém, apesar de as variedades de línguas coloniais, e de modo particular o PST, resultarem de uma transição histórica de L2 para L1, não podemos assemelhar os seus falantes a falantes de L2 típicos, uma vez que há diferentes aspetos que distinguem a aquisição de L2 tipicamente estudada na literatura daquela que se desenvolve nas sociedades pós-coloniais, nomeadamente a quantidade e a qualidade do *input* da língua-alvo a que estão expostos, dependente de fatores como a origem social dos falantes e o contexto rural ou urbano em que estão inseridos (e.g. Gonçalves 2010).

Na verdade, como referem Lucchesi & Baxter (2009: 101), nos contextos em que os falantes tendem a abandonar aquelas que historicamente foram as suas L1s, num gradual processo de *shift* coletivo, e a adotar a L2 como língua dominante, como ocorre em São Tomé e Príncipe, “os dados linguísticos primários de que as crianças que nascem nessas situações dispõem para desenvolver a sua língua materna provêm [tipicamente] (...) de versões de língua segunda desenvolvidas entre os falantes adultos”. Este cenário não se afasta significativamente do que tem sido proposto por diversos autores em relação aos processos de criouliização. DeGraff (1999: 495) propõe que “[...] children would be responsible for imposing structure on any unstable features in their pidgin/interlanguage PLD [primary linguistic data], turning

their acquisition input into “crystallized” creoles”.²⁶ Nesta hipótese, os adultos promovem a inovação na L2 e as crianças são os estabilizadores da nova variedade.

Contudo, diferentemente dos processos de *shift* que levaram à formação de línguas crioulas, tipicamente associadas à emergência de novas identidades de grupo, a transição do forro (e de outras línguas de origem africana) para a língua colonial e atualmente a língua oficial é condicionada por fatores como a escolarização e os meios de comunicação, resultando numa competição entre diferentes gramáticas que promove tanto a variação individual como a coletiva.

Muito embora seja possível encontrar contextos em que a CDO e a CDP coocorrem no forro, estas veiculam tipicamente significados distintos, sendo a CDP introduzida pela preposição *da* do forro maioritariamente utilizada na expressão de Beneficiários [+ANIM], os quais no PST e no PE são introduzidos pela preposição *para*. As CSV, que caracterizam o forro, por sua vez, não ocorrem, salvo raras exceções, no PST.

Assim, se, por um lado, a ocorrência da CDO no PST constitui um efeito do contacto linguístico com o forro na expressão dos dativos com o papel temático de Recipiente, o facto de a CDO ser usada em alternância com a CDP, encabeçada pela preposição *a* ou *para*, e de esta constituir a estratégia exclusiva em alguns grupos de falantes, reflete o papel do acesso à Gramática Universal. Tal como tem sido defendido para o português de Moçambique (e.g. Gonçalves 2010), consideramos que as propriedades do PE a nível da subcategorização verbal podem constituir (ou ter constituído) um *input* ambíguo durante o processo de aquisição como L2, designadamente a possibilidade de uma subclasse de verbos ditransitivos poder subcategorizar Alvos introduzidos por *a* ou por *para* (Gonçalves 2016). Nesse sentido, a competição entre as CDPs com *a* e *para* no PST poderá ser atribuída ao

²⁶ “As crianças seriam responsáveis pela imposição de estrutura aos traços instáveis nos dados linguísticos primários do seu pidgin/interlíngua, transformando o *input* da aquisição em crioulos ‘cristalizados’” [tradução nossa].

input ambíguo do PE, sendo que a maior tendência para o uso de *para*, em comparação com o PE, se correlaciona com o estatuto fonético fraco e o estatuto semanticamente opaco da preposição *a*, que fica patente na elevada perda deste elemento em crioulos de base lexical português e (novas) variedades do português. Note-se, porém, que, distintamente do observado em algumas regiões do Brasil, o uso da CDP introduzida por *para* no PST ainda não é generalizado e os clíticos dativos são preservados, sugerindo que o PST se encontra num estágio anterior ao PB, no processo de gramaticalização de *para* como uma preposição [–direcional, –locativa].

Conclui-se, portanto, que as estratégias exibidas pelo PST não só são um produto do contacto linguístico, como também estão dependentes de propriedades gerais da Gramática Universal.

Abreviaturas

CDP	–	construção ditransitiva preposicionada
CDO	–	construção de duplo objeto
COMP	–	complementador
CSV	–	construção de serialização verbal
DEM	–	demonstrativo
FOC	–	foco
FUT	–	futuro
GEN	–	genérico
HAB	–	habitual
INT	–	interrogativo
LOC	–	locativo
NEG	–	negativo
PB	–	português do Brasil
PE	–	português europeu
POSS	–	possessivo
PREP	–	preposição
PROG	–	progressivo
PST	–	português de São Tomé
RED	–	reduplicação
REL	–	relativo

Referências

- Adone, Dany. 2004. *The acquisition of Mauritian Creole*. Amsterdam: John Benjamins.
- Baker, Mark Cleland. 1988. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- Baxter, Alan. 2018. O português dos tongas de São Tomé. In Márcia Santos Duarte de Oliveira & Gabriel Antunes Araujo (orgs.), *O português na África atlântica*, 297-322. São Paulo: Humanitas.
- Baxter, Alan. 2004. The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In Geneviève Escure & Armin Schwegler (eds.), *Creoles, contact and language change: Linguistics and social implications*, 96-126. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Baxter, Alan. 2002. Semicreolization? – The restructured Portuguese of Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics* 1. 7-39.
- Baxter, Alan, Camila Ferreira de Mello & Natali Gomes de Almeida Santana. 2014. A construção de objeto duplo e as influências do substrato no português afrobrasileiro (e africano). *PAPIA* 24 (2). 283-306.
- Bouchard, Marie-Eve. 2017. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. Nova Iorque, New York University, Tese de Doutorado.
- Brandão, Sílvia Figueiredo. 2011. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos* 15(1). 164-178.
- Brandão, Sílvia Figueiredo & Sílvia Rodrigues Vieira. 2012. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *PAPIA* 22 (2). 7-39.
- Brito, Ana Maria. 2008. Grammar variation in the expression of verb arguments: The case of the Portuguese indirect object. *Studies in Language and Literature* 49(2). 31-58.
- Bruyn, Adrienne, Pieter Muysken & Maaïke Verrips. 1999. Double-Object constructions in the Creole languages: Development and acquisition. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change. Creolization, diachrony and development*, 329-373. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Cabral, Lisender. 2005. *Complementos verbais preposicionados do português em Angola*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa, Dissertação de Mestrado.
- Campbell, Richard. 1996. Serial verbs and shared arguments. *The Linguistic Review* 13. 83-118. DOI: <https://doi.org/10.1515/tlir.1996.13.2.83>
- Chavagne, Jean-Pierre. 2005. *La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*. Lyon, Université Lumière, Tese de Doutorado.

- DeGraff, Michel. 1999. Creolization, language change, and language acquisition: An epilogue. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change: Creolization, diachrony, and development*, 473-543. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Dikken, Marcel den & Rint Sybesma. 1998. *Take Serials light up the Middle*. (manuscrito)
- Duarte, Inês, Madalena Colaço, Anabela Gonçalves, Amália Mendes & Matilde Miguel. 2009. Lexical and syntactic properties of complex predicates of the type <light verb+deverbal noun>. *Arena Romanistica. Journal of Romance Studies* 4. 48-57.
- Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães, Lurdes Lopes Jorge & Márcia Santos Duarte de Oliveira. 2016. Clítico argumental ‘lhe’ no português do Libolo: estrutura formal e Caso. In Carlos Filipe Guimarães Figueiredo & Márcia Santos Duarte de Oliveira (orgs.), *Projeto Libolo – Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola*, vol. 1, 253-264. Lisboa: Chiado Editora.
- Gomes, Christina Abreu. 2003. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro. In Maria da Conceição de Paiva & Maria Eugênia Lamoglia Duarte (eds.), *Mudança lingüística em tempo real*, 81-96. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Gomes, Christina Abreu. 1999. Directionality in linguistic change and acquisition. *Language Variation and Change* 11. 213-230.
- Gonçalves, Anabela & Eduardo Buzaglo Paiva Raposo. 2013. Verbo e sintagma verbal. In Eduardo Buzaglo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura, Amália Mendes & Amália Andrade (orgs.), *Gramática do português*, vol. 2, 1155-1220. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, Anabela, Luís Filipe Cunha, Matilde Miguel, Purificação Silvano & Fátima Silva. 2010. Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In Ana Maria Brito, Fátima Silva, João Veloso & Alexandra Fiéis (orgs.), *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 449-464. Porto: APL.
- Gonçalves, Perpétua. 2010. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Gonçalves, Perpétua. 1991. *A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.
- Gonçalves, Rita. 2017. Dative variation in the Portuguese of São Tomé. In Pilar B. Barbosa, Maria da Conceição de Paiva & Celeste Rodrigues (eds.), *Studies on variation in Portuguese. Issues in Hispanic and Lusophone linguistics*, 301-320. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Gonçalves, Rita. 2016. *Construções ditransitivas no português de São Tomé*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.

- Gonçalves, Rita. 2010. *Propriedades de subcategorização verbal no português de São Tomé*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado.
- Gonçalves, Rita, Inês Duarte & Tjerk Hagemeijer. 2020. *Dativos em variedades africanas do português: um caso de microvariação*. 1º Workshop PALMA. Universidade de Lisboa, Portugal, 20-21 de janeiro.
- Graça, Amadeu Quintas da. 1989. *Paga ngunu: prosa e poesia*. São Tomé: Empresa de Artes Gráficas.
- Hagemeijer, Tjerk. 2018. From creoles to Portuguese: Language shift in São Tomé and Príncipe. In Laura Álvarez López, Perpétua Gonçalves & Juanito Ornelas de Avelar (eds.), *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*, 169-184. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- Hagemeijer, Tjerk. 2007. *Clause structure in Santome*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.
- Hagemeijer, Tjerk. 2001. Semi-lexicality and underspecification in serial verb constructions. In Norbert Corver & Henk van Riemsdijk (eds.), *Semi-lexical heads*, 415-451. New York: De Gruyter.
- Hagemeijer, Tjerk. 2000. *Serial verb constructions in São-Tomense*. Lisboa, Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado.
- Hagemeijer, Tjerk, Michel Génèreux, Iris Hendrickx, Amália Mendes, Abigail Tiny & Armando Zamora. 2014. The Gulf of Guinea creole corpora. In Nicoletta Calzolari, Khalid Choukri, Thierry Declerck, Hrafn Loftsson, Bente Maegaard, Joseph Mariani, Asuncion Moreno, Jan Odijk & Stelios Piperidis (eds.), *Proceedings of the 9th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC)*, 523-529. Reykjavik: European Language Resources Association.
- Hagemeijer, Tjerk & Ota Ogie. 2011. Edo influence on Santome: Evidence from verb serialization and beyond. In Claire Lefebvre (ed.), *Creoles, their substrates, and language typology*, 37-60. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Hagemeijer, Tjerk, Rita Gonçalves, Afonso Miguel & Inês Duarte. 2019. *Possession and location in urban Angolan Portuguese*. The 19th Annual Conference of the ACBPLE (Association for Portuguese and Spanish Lexically-based Creoles) & the Summer Conference of the SPCL (Society for Pidgin and Creole Linguistics). Universidade de Lisboa, Portugal, 17-19 de junho.
- Hagemeijer, Tjerk, Rita Gonçalves & Beatriz Afonso. 2018. Línguas e políticas linguísticas em São Tomé e Príncipe. In Paulo Feytor Pinto & Sílvia Melo-Pfeifer (coords.), *Políticas linguísticas no mundo lusófono*, 54-81. Lisboa: Lidel.
- Haspelmath, Martin, Susanne Michaelis & the APiCS Consortium. 2013. Ditransitive constructions with ‘give’. In Susanne Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.), *The atlas of pidgin and creole language structures*. Oxford: Oxford University Press.

- Kayne, Richard S. 1984. *Connectedness and binary branching*. Dordrecht: Foris Publications.
- Lefebvre, Claire. 1991. *Take* serial verb constructions in Fon. In Claire Lefebvre (ed.), *Serial verbs: Grammatical, comparative and cognitive approaches*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- Levin, Beth. 2005. *Semantic prominence and argument realization VI. The dative alternation and the ranking of recipients, goals and themes*. Course 123, MIT Summer Course. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~bclevin/lisa05dat.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2019.
- Lord, Carol. 1993. *Historical change in serial verb constructions*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.
- Lucchesi, Dante. 2001. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* 17(1). 97-132.
- Lucchesi, Dante & Alan Baxter. 2009. A transmissão linguística irregular. In Dante Lucchesi, Alan Baxter & Ilza Ribeiro (orgs.), *O português afro-brasileiro*, 101-124. Salvador, BA: EDUFBA.
- Lucchesi, Dante & Camila Mello. (2009). A alternância dativa. In Dante Lucchesi, Alan Baxter & Ilza Ribeiro (orgs.), *O português afro-brasileiro*, 427-456. Salvador, BA: EDUFBA.
- Marten, Lutz & Nancy C. Kula. 2014. Benefactive and substitutive applicatives in Bemba. *Journal of African Languages and Linguistics* 35(1). 1-44.
- Mata, Inocência. 2010. *Polifonias insulares: cultura e literatura de São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Edições Colibri.
- Maurer, Philippe. 2009. *Principense (lung'ie). Grammar, texts, and vocabulary of the Afro-Portuguese creole of the island of Príncipe, Gulf of Guinea*. London & Colombo: Battlebridge.
- Maurer, Philippe. 1995. *L'angolar: un créole afro-portugaise parlé à São Tomé*. Hamburg: Helmut Buske Verlag.
- Mesthrie, Rajend & Rakesh M. Bhatt. 2008. *World Englishes: The study of new linguistic varieties*. Cambridge: Cambridge University Press.
DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511791321>
- Miguel, Maria Helena. 2003. *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Nzila.
- Miguel, Matilde, Anabela Gonçalves & Inês Duarte. 2011. Dativos não argumentais em português. In Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (orgs.), *Textos seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 388-400. Lisboa: APL/Colibri.
- Mingas, Amélia A. 2000. *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras.

- Pereira, Manoel Bomfim. 2019. *Predicados bitransitivos no português dialetal do Brasil central (PBC): construções de objeto duplo e de redobro de clítico*. Brasília, Universidade de Brasília, Tese de Doutorado.
- Post, Marike. 1992. The serial verb constructions in Fa d'Ambu. In Ernesto D'Andrade Pardal & Alain Kihm (orgs.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, 153-171. Lisboa: Colibri.
- Rappaport-Hovav, Malka & Beth Levin. 2008. The English dative alternation: The case for verb sensitivity. *Journal of Linguistics* 44. 129-167.
- Rougé, Jean-Louis. 1992. *Les langues des tonga*. In Ernesto d'Andrade & Alain Kihm (eds.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*, 171-176. Lisboa: Edições Colibri.
- Scher, Ana Paula. 1996. *As construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo sintático comparativo*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Dissertação de Mestrado.
- Seibert, Gerhard. 2014. Crioulização em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: divergências históricas e identitárias. *Afro-Ásia* 49. 41-70.
- Torres Morais, Maria Aparecida Correa R. 2012. Sentenças bitransitivas e objeto indireto no português brasileiro. *Linha D'Água* 25. 25-50.
- Torres Morais, Maria Aparecida Correa R. 2006. Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. *Revista da ABRALIN* 5(1-2). 239-266.
- Torres Morais, Maria Aparecida Correa R. & Heloisa Lima Salles. 2010. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus* 22. 181-209.
- Torres Morais, Maria Aparecida Correa R. & Rosane de Andrade Berlinck. 2007. "Eu disse pra ele" ou "disse-lhe a ele": a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In Ataliba Teixeira de Castilho (ed.), *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*, vol. 1, 61-74. São Paulo: Pontes/FAPESP.
- Torres Morais, Maria Aparecida Correa R. & Rosane de Andrade Berlinck. 2006. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro & Norma Almeida (eds.), *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, vol. 6, 73-106. Salvador: EDUFBA.
- van Valin Jr., Robert D. & Randy J. LaPolla. 1997. *Syntax: Structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Veenstra, Tonjes. 1996. *Serial verbs in Saramaccan*. The Hague: HIL.